

Notas

Uma carta de D. Maria de Portugal, Princesa de Parma e Piacenza

Assinado, em Madrid, o contrato de casamento em 25 de Março de 1565, em 13 de Maio fez-em Lisboa o recebimento da "Senhora D. Maria" com Alexandre Farnese (1545-1592), príncipe herdeiro do ducado de Parma, representado no acto pelo embaixador de Castela, não tivesse sido Filipe II a empenhar-se no casamento desse seu sobrinho educado na sua corte e então aí vivendo¹. Das festas – bem simples, aliás – do recebimento da filha de Duarte, infante de Portugal e irmão de D. João III, e de Isabel de Bragança, com esse bisneto do papa Paulo III, e da sua despedida (14 de Setembro) falam, brevemente, Pero de Alcáçova Carneiro² e algumas memórias do tempo³. António Ferreira e P. Andrade Caminha⁴, entre outros, celebraram, em epitalâmios e odes, esse enlace mal desejado pelo príncipe italiano com

¹ L. van der ESSEN, *Alexandre Farnèse, Prince de Parme, Gouverneur Général des Pays-Bas (1545-1592)*, Bruxelles, 1933, I (1545-1578), 98-102; Alexandre, em consequência do Tratado de Gand (1556), passou seis anos como "refém" em Madrid (102, 110) com importantes consequências de educação, uma "espanholização" ("arrogância") que chocou os habitantes dos Países Baixos aquando do seu casamento em Bruxelas (110-112)

² Pero de Alcáçova CARNEIRO, *Relações do Tempo em que ele e seu Pai, António Carneiro, serviram de Secretários (1515 a 1568)*, Revistas e anotadas por E. de Campos de Andrada, Lisboa, 1937, 355-356

³ Pero Roiz SOARES, *Capítulo primeiro de como a snorã dona Maria filha da Infante dona Isabel foi para Parma* in *Memorial*, (Leitura e revisão de M. Lopes de Almeida), Coimbra, 1953, 11, fonte da notícia que, um pouco mais abreviadamente, se dá em *Notas para servir à História de D. Sebastião de Portugal* in J. Veríssimo SERRÃO, *Documentos Inéditos para a História do Reinado de D. Sebastião*, Coimbra, 1958, 125.

⁴ António FERREIRA, *Epitalâmio: Ao casamento da Senhora D. Maria com o Senhor Alexandre Farnes, Príncipe de Parma* in *Poemas Lusitanos*, (Com prefácio e notas do Prof. Marques Braga), Lisboa, 1953, II, 1-13; P. Andrade CAMINHA, *Ao Senhor Alexandre Farnes, Príncipe de Parma, e de Plazencia. No seu casamento com a Senhora D. Maria; A Senhora D. Maria a Frandes; Ao Senhor D. Alexandre; Epithalamio: No casamento da Sra. D. Maria, com o Senhor Alexandre Farnes, Príncipe de Parma, e de Palcencia* in *Poezias*, Lisboa, 1791, 64-68, 72-75, 227-230, 231-252 respectivamente.

uma desconhecida que lhe levava sete anos mais⁵, no que foram correspondidos quer em Bruxelas durante as festas do casamento (11.11.1565) quer, naturalmente, depois em Parma à hora da entrada na cidade (24 de Junho de 1566)⁶. Nascida, em Lisboa, em 8.12.1538, Maria de Portugal – ou de Avis, como também era conhecida – é uma discreta personagem portuguesa sempre nomeada, ainda que nem sempre bem apreciada, na história do ducado parmense de que terá mesmo chegado a ser governadora⁷. E se este lado da sua biografia é, relativamente, bem conhecido, do ponto de vista da história da espiritualidade – que deveria ser a razão de dela nos ocuparmos aqui – ainda espera o estudo que situe essa leitora da Sagrada Escritura⁸, da *Theologia Mistica (Viae Sion lugent...)* de Hugo de Balma, O. Carth., então atribuída a S. Boaventura⁹, e de Fr. Luis de Granada¹⁰ e de confessa tradutora de S. Bernardo¹¹, dirigida, desde 1564 até

⁵ L. van der ESSEN, *Alexandre Farnèse*, ed. cit., 121 e A. del PRATO, *Il Testamento di Maria di Portogallo, Moglie di Alessandro Farnese in Archivio Storico per le Provincie Parmensi* (Nuova Serie), VII (1907), 146-199 citando as mesmas fontes, mas com ligeiro matiz de interpretação, recordam que, segundo uma confidência feita pelo príncipe parmense aquando da partida de Maria para Bruxelas e assim transmitida ao Cardeal Granvella, Alexandre teria desejado "che tutto quello che andava e tornava cadesse al fondo del mare".

⁶ Achille PELLIZZARI, *Feste, Gioie e Vesti Nuziali del Cinquecento in Portogallo e Italia nel secolo XVI. Studi e Ricerche*, Napoli, 1914, 157-285 (esp. 185, 198-201) alude ao esplendor da festas em Bruxelas, esplendor que, pago por Margarida de Áustria e discutido por Octavio Farnese, contrasta com as quase austeras de Lisboa, que, por outro lado, terão dado ocasião a grandes mostras de liberalidade em cortesias por parte de D. Sebastião. Quanto às festas de Parma, quer às de celebração do casamento quer da entrada dos príncipes na cidade só restam, segundo parece, referências dispersas; também em L. van der ESSEN, *Alexandre Farnèse*, ed. cit., 127-128, 131-137, 144-145 se encontram notas precisas sobre o assunto.

⁷ D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, 1752 (aliás, Coimbra, 1966), 416 afirma que a princesa se revelou "Astrea prudente para distribuir premios, e castigos quando substituição o governo do Duque seu sogro, e do Principe seu marido". É bem possível que assim tenha sido, mas nem o seu primeiro biógrafo, Sebastião de Morais, na obra citada na nota seguinte, nem van der Essen referem tal encargo. Será confusão com Margarida de Áustria?

⁸ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte della Serenissima Principessa di Parma et Piacenza*, In Bologna, per Alessandro Benaci, 1578, 14r (Citaremos sempre por *Vita et Morte...*): "Havia ancora gran pratica della sacra scrittura, la quale studiava diligentemente, massime prima che si maritasse". Destaquemos para o que puder valer que Alessandro Benaci tinha já sido o editor de uma *Narratione particolare delle gran feste e trionfi in Portogallo et in Fiandra nello sposalitio dell'illustrissimo et eccellentissimo signore, il sig. Alessandro Farnese, principe di Parma e Piacenza, e la sereniss. donna Maria di Portogallo*, Bologna, 1566 da autoria de Francesco Marchi.

⁹ Sebastião de MORAIS, S. J., *Vita et Morte...*, ed. cit., 14r; Balduinus DISTELBRINK, *Bonaventurae Scripta Authentica Dubia vel Spuria critice recensita*, Roma, 1975, 201-202 sobre a atribuição da *Theologia Mistica* ao Doctor Seraphicus. O confessor e biógrafo da princesa informa ainda que dentre os livros de espiritualidade apreciava "particularmente quelli che movono gli affetti: ella gustava assai nel leggere gli opusculi di San Bonventura" (*Vita et Morte...*, 14r) sem, contudo, precisar quais... Ou será que com este plural pretendia indicar a *Mistica Theologia*?

¹⁰ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 22v.

à sua morte, por um jesuíta, Sebastião de Moraes¹², no contexto das correntes espirituais que atravessavam o seu Portugal... Como se terá plasmado tudo isto nesse "livrinho de Meditações para suas damas" que consta ter escrito?¹³ E o termos dito do "seu Portugal" deve-se a que, ao parecer, tão pouco aberta se terá mostrado às correntes que cruzavam a Itália que a acolhia – confessava nunca ter lido mais que vinte ou trinta versos de Petrarca e de Ariosto...¹⁴ – como intransigente se mostrara a qualquer aceno de homenagem a Isabel I de Inglaterra...¹⁵ É uma investigação urgente a empreender, pois a exemplaridade da sua vida foi imediatamente assinalada depois da sua morte (7. VII. 1577) no prólogo-dedicatória da *Vita et Morte*

¹¹ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 6r.

¹² Sebastião de Moraes, S.J., (1530 - 1588), o citado autor da primeira e mais importante biografia da "princesa santa", escreveu algumas cartas relatando a viagem de Maria de Portugal desde Bruxelas até à sua entrada em Parma, das quais se conserva a *Copia de huma do Padre Sebastião de Moraes de Parma para hum Padre de Sam Roque a 12 de Agosto de 1566 in Memorial de Várias Cartas e Cousas de Edificação dos da Companhia de Jesus* (ms. da Biblioteca M. do Porto publicado por José Pinto, com um Prefácio de Joaquim Costa), Porto, 1942, 60-69; a referida carta é um documento interessantíssimo não só pelo que relata, mas também pelo que deixa transparecer das reacções de um português entre hereges germânicos e italianos cortesãos que, segundo o P. Moraes, ultrapassavam, estes, tudo o que Fr. António de Guevara tinha avisado e proposto... Sobre o futuro bispo de Funay (Japão), além do que traz D. António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 81-84, poderão ver-se alguns dados precisos in Francisco RODRIGUES, S. J., *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I, 1, Porto, 1931, 472, 588; II, 1, Porto, 1938, 327-328.

¹³ D. António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 107 refere essa obra que diz ter sido escrita em italiano, e, ainda, "impresso muitas vezes em Italia, e depois em França, e traduzido na propria lingua"... Sob a sua autoridade a regista Barbosa Machado, quem, como nós, não parece ter conseguido ver qualquer exemplar. Será esse "livrinho de Meditações" aquela "operina spirituale" que a princesa mandou imprimir "per mandarla in Portugallo ad alcune persone divote"? (S. de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 18v). Terá algo a ver com a "bella e breve operina del modo di dire il Rosario" que, segundo o seu biógrafo na mesma passagem, Maria mandou igualmente imprimir?

¹⁴ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 21r: "Non leggeva mai libri, che trattassero d'amore et a lei stessa ho sentito dire, che mai haveva letto ne Petrarca, ne Furioso, se non una ò due volte venti, ò trenta versi...". Terá algum interesse anotar como o continuador do *Agiologio Lusitano*, D. António Caetano de Sousa, referindo-se a estas leituras, colore, certamente *more hagiographico*, os factos: "da Poesia se abstinha por mortificação, por não ler Obras amatorias; como lhe succedeo com as obras do grande Francisco Petrarcha, abrindo-as duas vezes, a poucas regras de leitura, como castigando-se fechou o livro" (*Agiologio Lusitano dos Santos e Varões Illustres em Virtude...*, IV, Lisboa, 1744, 85 (Oitavo de Julho); e, curiosamente, L. van der Essen também escreve: "Elle ne lisait jamais les poètes, pour ne pas être surprise par des passages où il était question d'amour défendu. Ayant un jour ouvert Pétrarque elle le ferma précipitamment après quelques lignes de lecture" (*Alexandre Farnèse*, ed. cit., 107). Anote-se, por contraste, que a filha de Maria e de Alexandre, Margarida Farnese, foi uma atenta leitora de Ariosto... (Guerriera GUERRIERI, *Il Meccenatismo dei Farnese in Archivio Storico per le Provincie Parmensi*, Terza Serie, VII-VIII (1942-1943, Parma 1946), 127- 167 (147-148).

¹⁵ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 9r. Conf., com apoio de outra fonte, L. van der ESSEN, *Alexandre Farnèse*, ed. cit., 109.

della Serenissima Principessa di Parma e Piacenza que mais não é que o "memorial" secreto da sua regra de vida – frequentemente editado com o título de "avisos" – que, encontrado, depois de sua morte, entre os seus papéis e lido "non senza maraviglia" pelo seu confessor e director¹⁶ foi por este imediatamente divulgado numa *Lettera...ad una principale Signora sopra la vita e morte di Sua Alteza* em 15.VII.1577, quer dizer, uma semana depois da sua morte, acompanhado de vivas recordações suas que o explicitam e abundantemente anotado marginalmente para assinalar quer os diferentes pontos da prática dessa regra de vida espiritual quer o seu testemunho privilegiado de um itinerário interior que culmina na evocação do "ultimo transito di sua Altezza". Sublinhando, para além da sua prática da confissão e comunhão mensal – e, em certas circunstâncias, quinzenal –, o seu "zello della fede catolica" traduzido no empenho de converter luteranos e calvinistas e, consequentemente, a sua veneração das imagens, das relíquias e dos hábitos religiosos¹⁷ – percebamos a explícita perspectiva contra-reformista¹⁸ –, esta biografia – que, em larga medida, é também uma como que "autobiografia" de propósitos e orientações espirituais – conheceu uma certa divulgação em italiano e em espanhol¹⁹, nunca terá sido muito

¹⁶ Sebastião de Morais, era desde 1564 – contaria então 30 anos – o confessor de Maria de Portugal e nesta qualidade a acompanhou até ao fim da vida. A princesa de Parma recorda-o largamente no seu testamento feito em italiano e em português (este duplicado, escrito por Leonel Coelho e por ela assinado, destinava-se a ser enviado para Portugal para acautelar direitos seus e de seus filhos) em 18.12.1575, mas, em virtude de alguns acontecimentos posteriores – morte de D. Isabel de Bragança, sua mãe, e do Senhor D. Duarte, seu irmão, por exemplo –, com codicilos posteriores de 26.2.1577 e de 31.6.1577. Aí pede que se lembem "particolarmente al Padre Sebastiano Morales mio confessore, perchè gli son in grand'obbligo, e priego l'Altezze loro lo vogliano consolare e adgiutare, perchè sarà grande ma consolatione, et perchè con lui ho communicato li miei oblighi, et quello che appartiene, alla mia consciencia, voglio che tutto quello che lui dirà et ricorderà al Principe mio s.re et al sig.r Duca, all'Infante mia s.ra o al sig.r Don Duarte, s'adimpisca...". (del Prato, *Il Testamento di Maria di Portugallo, Moglie di Alessandro Farnese in Archivio Storico per le Provincie Parmensi*, Nuova Serie, VII (1907), 182. Como bom teatino, D. António Caetano de Sousa (*Agiologio Lusitano...*, IV, ed. cit., 91-92 e 101) dá algumas pistas muitos interessantes sobre a direcção espiritual que a princesa de Parma terá recebido (pontualmente, sem dúvida) do teatino napolitano André Avelino. Claro que só por distração van der Essen (*Alexandre Farnêse...*, ed. cit., 106) pôde escrever que a princesa teve "comme confesseur S. Ignace de Loyola"...(†1558).

¹⁷ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, 8v (Modo di confessarsi)..., 9r (zello della fede catolica)..., 9v (Fuggire la conversione de gli heretici)..., 9v-10r (Riverenza alle imagini de santi)..., 10r (Reliquie santi)..., 11r (Habito religioso)...

¹⁸ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 12r: "Per questo ad alcuni pareva, et meritamente, che Dio l'havesse condotta in Italia per la Fiandra, et pr la germania, acciò che mostrasse cosi fatto essempio di virtù, et in tempo, che n'era tanto bisogno in quel bande".

¹⁹ D. António Caetano de SOUSA, *Agiologio Lusitano...*, ed. cit., IV, 108 e D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, ed. cit., 418 trazem as referências mais imediatamente precisas sobre o assunto.

divulgada em Portugal²⁰. Fr. Gregório Taveira, da Ordem de Cristo, na sua *Fugida do Mundo para Deos pela Escala da Penitencia* (Lisboa, 1619) terá sido um dos primeiros, senão mesmo o primeiro, a transcrever, ainda que com algumas adaptações²¹, os *Avisos e documentos que guardava aquella esclarecida Senhora em virtude e sangue, Dona Maria, Princesa de Parma e neta del Rey D. Manoel que Deos haja, os quaes podem servir de exemplo a todo o christão e pricipalmente as senhoras illustres que tem casa e estado*, tradução dessa regra de vida espiritual em que os últimos dizeres são como que um resumo das popostas finais do prólogo-dedicatória da primeira edição bolonhesa da *Vita et Morte...* Depois seguiu-se Fr. Luis dos Anjos, E.S.A., quem no seu *Jardim de Portugal, em que se dá noticia de algumas sanctas e outras mulheres illustres em virtude* (Coimbra, 1626), numa sequência derivada da obra de Sebastião de Morais, publica, em tradução sem retoques, o texto dos "Avisos"²²... Será, no entanto, o continuador de Jorge Cardoso, o teatino D. António Caetano de Sousa quem, tanto quanto conhecemos, mais largamente se aproveitará do trabalho de Sebastião de Morais, já que no quarto tomo do *Agiolégio Lusitano* oferece uma quase íntegra tradução da *Vita et Morte* da princesa de Parma²³.

²⁰ A Biblioteca de Évora (B.P.A.D.E.) guarda (Cód. CIV / 1-17) em ms. a *Carta que escrivió el Reverendo Padre Confesor de la Princesa de Parma y Placenzia a una señora principal sobre la vida y muerte de S. A., echa en Parma a 15 de Julio de 1579* (J. H. da Cunha Rivara, *Catálogo dos Manuscritos da Biblioteca Pública Eborense*, Lisboa, 1871, III, 441). Não tendo podido examinar esse ms., não podemos pronunciar-nos sobre a sua relação com a tradução castelhana da obra de Sebastião de Morais levada a cabo por Francisco Alvarado e publicada em 1580 (Roma, Herederos de Antonio Blado). Aliás, não deixa de ser curioso anotar, em face de tão escassa circulação da biografia espiritual da princesa em Portugal a ponto de, ao parecer, nunca ser traduzida para português e, como tal, publicada – o trabalho, a que havemos de aludir, de D. António Caetano de Sousa não pretende ser uma tradução –, que um destino quase idêntico atingiu os *Psalmi Confessionales* atribuídos a D. António, Prior do Crato. Com efeito, a obra do príncipe português que conheceu uma notável carreira editorial em francês e, embora menor, em inglês, só uma vez foi traduzida em português e publicada autonomamente sob o nome do seu pseudo-autor. (Permitimo-nos remeter para o nosso D. António, Prior do Crato, *Príncipe Penitente. Os Psalmi Confessionales: do Exemplum à devoção. 1595-1995 in Via Spiritus*, 2 (1995) 67-129).

²¹ As adaptações, mediante a supressão de alguma passagem ou expressão marcadamente autobiográfica, como, por exemplo, os versos de S. Bernardo que a princesa diz ter traduzido e com que ilustra o seu propósito de sempre desprezar o mundo, destinam-se, segundo cremos, a universalizar a lição dos seus "Avisos". Da *Fugida do Mundo para Deos pella Escada da Penitencia pella qual sobio David penitente e a deixou facilitada aos peccadores em sete degraos, significados nos sete Psalmos penitenciaes, repartidos pellos sete dias da somana, em ordem de exercicio...*, utilizámos a edição de Coimbra, Joseph Antunes da Silva, 1709.

²² Fr. Luis dos ANJOS, E.S.A., *Jardim de Portugal...*, ed. cit., 448-460.

²³ Efectivamente, D. António Caetano de Sousa nessas catorze páginas com que celebra as virtudes da princesa de Parma pouco mais faz que traduzir, sequencialmente quase sempre, o texto de Sebastião de Morais, ainda que não publique os "Avisos". Mas a sua não menos ampla nota ao seu texto, para além de uma digressão contra D. Luis de Salazar por causa dos direitos de D. Catarina

Encontrado e adquirido o seu original, ainda com seus lacres e sinete heráldico, num antiquário e alfarrabista da cidade em que viveu onze anos²⁴, a carta da princesa que publicamos não trata de assuntos de espiritualidade, nem sequer de qualquer caso transcendente de governo... Nessas poucas linhas, com um estilo de "cortesia" e "sinal" muito português, a fiarmo-nos no que *da policia e estilo das cartas missivas* traz Rodrigues Lobo²⁵, dá, muito simples e naturalmente, notícias suas e de seus filhos ao marido durante uma das suas muitas e largas ausências²⁶. Maria espera que o príncipe as receba em Pesaro onde, segundo lhe diziam, Alexandre se demoraria... Uma carta familiar, para não dizer doméstica, mas que é, como qualquer outro, um documento seu e das suas preocupações de momento.

Escrita em Parma, e em português – língua que a Alexandre Farnese, como educado em Madrid, seria relativamente familiar – e da mão da própria princesa, a missiva, infelizmente, não está datada de ano, somente indicando o dia e o mês: 5 de Outubro.... É possível pensar que foi escrita depois de 1569, pois nela a princesa se refere aos seus *filhos*, um plural indicativo de que, pelo menos, Margarida (7.11.1567) e Ranuccio (28.3.1569) eram já nascidos... Depois de 1573, se esse plural incluísse Odoardo, nascido em 7 de Dezembro desse ano²⁷. Pesaro, um porto nas

de Bragança, irmã da biografada, ao trono de Portugal, contém a mais ampla lista de referências de todo género – infelizmente, repetitivas quase sempre –, à princesa de Parma, D. Maria.

²⁴ A carta está escrita em folha de papel de 420mm x 340mm dobrada em duas na sua maior dimensão, tendo sido estas depois dobradas oito vezes e numa dessas dobras escrito o nome do destinatário e lacrada com o sinete heráldico da princesa remetente, estando este perfeitamente conservado.

²⁵ Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia e Noites de Inverno* (Lisboa, 1619), *Diálogo II – Da policia e estilo das cartas missivas*: "E falando da cortesia, (disse Solino) que entendeis nela? – A cortesia (lhe respondeu ele) não falando na leitura da carta, é o sobrescrito, o apartado da cruz té à primeira regra, e do primeiro do papel té o começo de todas; e o sinal e nome de quem escreve, abaixo da data da carta..." (permitimo-nos citar pela edição que preparámos para a Editorial Presença, Lisboa, 1992, 76).

²⁶ L. van der ESSEN, *Alexandre Farnèse*, ed. cit., 177 que assinala algumas dessas demoras, permite na página citada demonstrar o tempo – o real e o interior – passado à volta de Lepanto através da admiração que, no regresso a Parma, sentiu o príncipe por não ter, à primeira vista, reconhecido os seus filhos Margarida e Ranuccio.

²⁷ Na carta que publicamos há uma referência a uma S.ra Ersília que na mesma altura se encontrava doente. O facto da princesa de Parma informar o príncipe seu marido da doença dessa senhora e, mesmo que lhe não queiramos atribuir grande peso ao argumento em virtude do género familiar da carta, vir o seu nome escrito antes do da pequenina princesa Margarida dir-se-iam indiciar uma alta ou, pelo menos, uma personagem muito estimada na corte dos príncipes. Cremos poder identificar-se com aquela S.ra Ersília que é a primeira pessoa particular de quem se lembra Maria de Portugal no seu testamento: "Alla s.ra Ersília mia sorella lascio il specchio che m'ha datto il sig.r Duca, et desiderai che potesse lei veder in esso l'amore che sempre gl'ho portato, et priego il Principe mio s.re si ricordi di questo, per fargli molti favori d'avantaggio..." (A. del PRATO, *Il Testamento di Maria di Portogallo, Moglie di Alessandro Farnese* in *Archivio Storico per le*

Marcas adriáticas, poderia sugerir as andanças empenhadas em 1572-1574 desse impetuoso e destemido Alexandre Farnese, então em ânsias por novas ocasiões de glória como as que vivera ao lado de seu tio, D. Juan de Áustria, em Lepanto. Mas desde esses anos se intensificam também as viagens do príncipe de Parma aos Abruzos onde em L'Aquila vivia, desde que em 1567 deixara a Flandres que governara em nome de Filipe II, a sua mãe, a duquesa Margarida de Áustria, a quem visitava algumas vezes, embora não tantas quantas as em que lhe escrevia, informando-a, antes de o fazer a qualquer outra pessoa, de necessidades e projectos²⁸. Quem sabe se, apesar de desvios e distâncias, não passou por ali a caminho de L'Aquila? É certamente possível que uma pesquisa mais demorada pudesse esclarecer essa demora em Pesaro e, assim, permitir datar a carta que a princesa para lá enviou... Entretanto, dada a explícita referência às *febres* de Margarida, poderíamos aventurar que, a seu modo, essa carta poderia ser dos dias em que, doente, a pequena princesa correu iminente perigo de vida²⁹... Se nesse dia de Outubro aos físicos parece a doença "não sera cousa de importancia", pois as febres estavam a desaparecer, nada impede sugerir que tais expressões possam testemunhar os começos ou, mais provavelmente, o final de um momento que foi de angústia para a princesa Maria... Nessa ocasião de grave doença de Margarida, segundo o seu confessor e biógrafo, revelou-se, uma vez mais, a força da oração da princesa que "uscì dell'oratorio con tanta certezza d'ottenere la dimandata grazia che affermava che la sua figliuola viverebbe"³⁰. Se pudesse vir a aceitar-se que se reportava a esses dias em que a princesa de Parma revelou "qualche perturbatione" – um eufemismo hagiográfico e uma nota de decoro principesco – que o seu confessor destacou, seria possível arriscar que a carta poderia datar de 1576, já que a grave doença da que, repudiada por Vincenzo Gonzaga, acabou a sua vida no convento de Santo Alexandre, em Parma, teve lugar, ainda de acordo com Sebastião de Moraes, "l'estate passata", isto é, no verão do ano anterior ao da morte de Maria de Avis, enferma desde Janeiro de 1577. Nos começos desse seu derradeiro Outubro, a princesa podia já enviar cartas e

Provincie Parmensi, Nuova Serie, VII (1907) 180). Naturalmente, esta S.ra Ersilia não é a Ersilia que, juntamente com Vittoria e Soffonisba, a princesa lembra igualmente no seu testamento, recomendando que, por sua morte, lhe dêem um vestido e, tal como às outras, lhe paguem o dote quando casar (A. del PRATO, *Il Testamento di Maria di Portogallo, Moglie di Alessandro Farnese in Archivio Storico per le Provincie Parmensi*, Nuova Serie, VII (1907), 184). A. del Prato identifica esta última Ersilia com Ersilia Pallavicino, filha de Alessandro Pallavicini de Varano, dama de companhia, a quem efectivamente foram pagos 1500 escudos de dote em 15.2.1588.

²⁸ L. van der ESSEN, *Alexandre Farnèse*, ed. cit., 170 et passim.

²⁹ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 15v.

³⁰ Sebastião de MORAIS, *Vita et Morte...*, ed. cit., 15v-16r.

mensageiros com novas não alarmantes ou, como parece mais aceitável, de algumas significativas melhoras... A carta ganharia, assim, um valor bem mais preciso e precioso... Tudo isto, porém, não chega sequer para formar uma hipótese... Todas, mesmo as aparentemente frágeis, podem, porém, começar por uma sugestão como esta...

José Adriano de Freitas Carvalho

Ao Illmo e Ex.mo senhor, o senhor duque de Parma e Piaseça meu senhor
+
Senhor

Não fiz isto mais cedo por não ocupar o tempo a vosa excelencia pelo caminho, mas agora que me dizem que se deterá em Pesaro alguns dias não quis que pasase mais sem beijar as mãos a vosa excelencia como faço e pidir-lhe que me mande avisar de sua saude e meus filhos até louvores a Noso Senhor, mas a senhora Ersilia e a Margarita dão alguma cousa mais trabalho às suas quartas, porque são as febres mores, mas com tudo julga mestre³¹ Scipion que não será cousa de importância porque se alimpão ambas da febre e todos juntos beijão as mãos a vosa excelencia e creia que elles e eu sintimos muito a sua ausencia e porque del Joico entendera vosa excelencia tudo o que qua pasa a elle me remeto. Noso Senhor³² a vida e estado de vosa excelencia guarde e acrecente como desejo. De Parma a 5 de oitubro.

Beijo as mãos a vosa excelencia. Maria.

³¹ O texto tem "ms" que desenvolvemos em mestre.

³² O texto tem "No s.or senhor" que pensamos será distração.